



IPA THEÃ ONI - FLECHA PARA TOCAR A SOCIEDADE NÃO INDIGENA

REINALDO DE JESUS CUNHA
Mestrando em Antropologia Social /UFRJ
reinaldopotiguara@gmail.com

Resumo

O presente trabalho foi resultado, da palestra Xamã Yanomâmi, Davi Kopenawa, realizada no CINE ART – UFF/RJ em abril de 2019; para o lançamento do Livro: “A Queda do Céu. Com a solicitação da Dra. Karine Lopes Narahara (Ex. Coordenadora do Núcleo de Estudos Ameríndios), do Laboratório Geru Maa de Filosofia Ameríndia, para que falássemos de algum ambiente que se percebe alguém fora do lugar. Pensei: porque não falar de Davi Kopenawa que neste dia se encontra fora do seu território, em dia chuvoso, dando palestra para estudantes e professores? Pois, pensando bem: para uma plateia de indígenas e não indígenas na Cidade de Arariboia, em Niterói, seria uma oportunidade de fazer um paralelo com epistemologias indígenas e pretas na luta por direitos e reparação, o que não ocorre no nosso cotidiano. E para alcançar os objetivos metodológicos, Usei como ferramenta de pesquisa: livros, vídeos, textos apresentados monografias; plataforma em redes sócias: como facebook, youtube, istagram, jornais, livros e/outras.

Palavras Chaves: Quem Pode Falar; Maat; Xapiri; e Decolonialidades.

Resumen

The present work was the result of the Yanomami Shaman lecture, Davi Kopenawa, held at CINE ART – UFF/RJ in April 2019; for the launch of the Book: “A Queda do Céu. With the request of Dr. Karine Lopes Narahara (Former Coordinator of the Nucleus of Amerindian Studies), from the Geru Maa Laboratory of Amerindian Philosophy, so that we could talk about an environment where one perceives someone out of place. I thought: why not talk about Davi Kopenawa who is out of his territory today, on a rainy day, giving a lecture to students and teachers? Well, weighing it well: for an audience of indigenous and non-indigenous people in the City of Arariboia, in Niterói, it would be an opportunity to draw a parallel with indigenous and black epistemologies in the struggle for rights and reparation, which does not occur in our daily lives. And to achieve the methodological objectives, I used as a research tool: books, videos, texts presented monographs; platform on social networks: such as facebook, youtube, istagram, newspapers, books and/or others.

Keywords: Who Can Speak; Maat; Xapiri; and Decolonialities.

Résumé ou Abstract

El presente trabajo fue el resultado de una conferencia del Yanomami Shaman, Davi Kopenawa, realizada en CINE ART – UFF/RJ en abril de 2019; para el lanzamiento del Libro: “A Queda do Céu. A pedido de la Dra. Karine Lopes Narahara (Ex Coordinadora del Núcleo de Estudios Ameríndios), del Laboratorio Geru Maa de Filosofía Ameríndia, para que pudiéramos hablar de un ambiente donde uno percibe a alguien fuera de lugar. Pensé: ¿por qué no hablar de Davi Kopenawa que está fuera de su territorio hoy, en un día lluvioso, dando una conferencia a



estudiantes y profesores? Bueno, pensándolo bien: para una audiencia de indígenas y no indígenas de la ciudad de Arariboia, en Niterói, sería una oportunidad de hacer un paralelo con las epistemologías indígenas y negras en la lucha por los derechos y la reparación, que no ocurren en nuestra vida diaria. Y para lograr los objetivos metodológicos, utilicé como instrumento de investigación: libros, videos, textos presentados, monografías; plataforma en redes sociales: como facebook, youtube, instagram, diarios, libros y/u otros.

Palabras clave: Quién puede hablar; Maat; Xapiri; y Decolonialidades.

IPA THEÃ ONI - FECHA PARA TOCAR A SOCIEDADE NÃO INDIGENA

A Sociedade Indígena e Não indígena, recebeu dia 30/04/19, às 17:h, no Centro de Artes da UFF, na Rua Miguel de Frias – N.9, Icaraí em Niterói. O revolucionário, escritor, pajé, Davi Kopenawa, presidente da Associação Indígena yanomami. O evento, IPA THEÃ ONI - FECHA PARA TOCAR A SOCIEDADE NÃO INDIGENA; Brasil a Margem - Teko Porã: Cosmovisão e Expressividades Indígenas, organizado pela UFF. Reuniu nos dias 24 a 30 de Abril, diversas lideranças indígenas e não indígenas; A comunidade acadêmica e estudantes no saguão do Centro de Artes. Na ocasião foi disponibilizado aos visitantes: exposição de fotografias, e cosmovisão indígenas. Segundo a definição dada pelos organizadores: “Em guarani: Teko Porã; em quechua Kawsai, Suma qanaña, em aymara, todos estes termos se referem a idéias sobre o Bem Viver em comunidade; uma busca por equilíbrio nas relações entre as pessoas e o meio ambiente capaz de compreendê-lo como um ser vivo e ativo. Essas idéias e valores dos povos ameríndios têm sido retomados e repensados como proposta para a sociedade; Uma alternativa ao aprofundamento das desigualdades sociais; A degradação da natureza e as perdas das dimensões empáticas e afetivas nas relações humanas”. A estudiosa de Literatura indígena, A doutora Julie Dorrico: “A civilização deveria ler/ouvir/conhecer as palavras dadas pelo xamã yanomami, porque elas possuem a voz da ancestralidade. Porque elas nos ensinam modelos alternativos de convivência com o meio ambiente, com o homem, e com a própria noção de posse e partilha. E, além disso, porque elas nos apresentam uma diferença antropológica relatando-se, apresentando-se a nós, para além das caricaturas que dela fizemos. Sua originalidade consiste na condição antropológico-ontológica que resiste no tempo e no espaço”. Com relação ao evento, assim indagou os participantes: “O que pode a arte quando a sociedade é levada ao limite? Quais as potências nas formas expressivas dos povos ameríndios vêm sendo invisibilidades e colocadas à margem tanto social, quanto esteticamente”? Esses questionamentos estava colocados no cartaz, pela produção do evento que contou com o apoio do Centro de ARTES/UFF – Rádio Indígena YANDE e a Universidade Federal Fluminense. Maiores informações foram disponibilizados no site: www.centrodeartes.uff.br; e em convite distribuído ao público. Segundo a organização: Este não foi o primeiro evento desse porte, organizado pelos idealizadores. Na verdade essa é a segunda edição, realizada no Teatro da UFF. “A margem se propõem a ser um espaço acolhedor, abrindo seus espaços dedicados à arte, para as idéias; visões e formas expressivas tradicionais e contemporâneas dos povos



indígenas, colocando em questão as concepções de arte, suas linguagens e o próprio conceito do contemporâneo, historicamente determinados sobre critérios do ocidente”. Para os organizadores: “A figura ilustre, a presença de Davi Kopenawa, transcende o local do seu nascimento e convívio social. Pois, vem ao encontro dos defensores da terra, dos animais que vivem na floresta, dos encantados que apelam por socorro na pele de papel, na fala do xamã Yanomami. Segundo Julie Dorrico: “A mensagem do xamã estende-se não apenas em sua defesa, mas de todos os humanos. A destruição maciça da floresta prejudica não somente o modo de vida dos Yanomami, mas também daqueles que a destroem”. No Brasil, a terras está nas mãos do agronegócio, latifundiários e políticos que roubam e saqueiam, destroem tudo em benefício do lucro, à custa do caos. Continua Julie Dorrico: “Controlada por empresas que detêm o monopólio econômico, a riqueza de poucos, traz uma série de consequências para muitos. É nesse sentido que devemos ouvir o que diz o xamã para aprendermos que a Terra não é colônia de exploração. É o lugar que habitamos; ela não é uma propriedade, mas uma partilha, um presente que foi dado gratuitamente a todos e para o usufruto de todos”. O evento trouxe a riqueza da cosmovisão e expressividade indígena, com debates, oficinas, exposições, espetáculos, música e mostra de cinema. O público prestigiou o evento lotando os acentos e ocupando todos os espaços disponíveis, que foram ocupados majoritariamente por estudantes e acadêmicos. Após a apresentação do Davi Kopenawa, por vinte minutos. Foi franqueada a palavra ao público, que interagiu fazendo perguntas sobre a sua militância em Defesa dos Povos da Floresta; O livro: ‘A Queda Do Céu’, escrita por ele e Bruce Albert. As principais questões trazidas por Kopenawa, foram relativas ao desmatamento nas Terras Yanomani; A poluição atmosférica causadoras do efeito estufa; A relação dos indígenas com as autoridades brasileiras na área de educação e saúde; Além do apoio que ele recebeu de ONGs e governos estrangeiros, contra o desmatamento na Amazônia. Quem é Davi Kopenawa? Kopenawa segundo o Instituto Sócio Ambiental. “Davi é Líder espiritual, Xamã e porta-voz do povo Yanomami do Brasil. Nasceu em 1956 em uma comunidade isolada do norte amazônico. Sua família foi morta por uma violenta epidemia de rubéola quando ele tinha 11 anos. Vinte anos mais tarde milhares de garimpeiros em busca de ouro invadiram o território Yanomami. Para impedir a tragédia anunciada, Davi se engajou em uma luta ao redor do mundo onde é reconhecido como uma dos maiores defensores da Amazônia e de seus primeiros habitantes. Em 1988, Davi recebeu o Global 500 Award das Nações Unidas e em 1989 o Right Livelihood Award considerado o prêmio Nobel alternativo. Foi condecorado em 1999 com a Ordem do Rio Branco pelo Presidente da República brasileiro; em 2008; recebeu uma menção honrosa especial do prestigiado Prêmio Bartolomé de Las Casas outorgada pelo governo espanhol por sua luta em defesa dos direitos dos povos autóctones das Américas”. Sobre o Livro a Queda do Céu, sintetiza Julie Dorrico: “Gostaria, contudo, de ressaltar dois aspectos em especial: o primeiro é que os xapiri não tocam no plano material, quando eles querem ficar perto dos humanos; eles caminham pela floresta por um caminho espelhado que eles mesmos projetam e criam, nunca tocando o chão; eles são por demais puros. Quando um xamã bebe o pó da yãkoana, os espíritos os ensinam, pelo canto e dança, a caçar, curar doenças, a celebrar a vida”. Contudo, acrescenta Julie Dorrico: “Com a ação predatória do não indígena, o desmatamento desmesurado da



floresta, este forasteiro coloca em risco não só a sobrevivência física do sujeito yanomami, sobretudo a cosmologia na qual os Yanomami radicam seu modo de vida. Antes do contato, quando um yanomami ficava doente, na cultura yanomami a doença significa que a imagem do sujeito está sendo atacada por um espírito (yarori), e os xapiri precisam intervir recuperando a imagem desse sujeito, resgatando-a do ancestral animal raptor, e devolvê-la ao paciente yanomami. Hoje, com as epidemias do 'branco', os xapiri pouco podem fazer para ajudar. Estas imagens (estas doenças), eles não as conhecem, por isso não podem fazer nenhum ritual de cura, e além disso, a doença física resultante do contato com o branco significa a doença no plano espiritual dos xapiri. O mundo material e espiritual adoce concomitantemente pondo em risco toda a vida comunitária". (Julie Dorrico – entrevista abril de 2018 – Ricardo Machado – IHU ONLINE). Ainda sobre o Livro: “A imponente obra A queda do céu (São Paulo: Companhia das Letras, 2015), com quase 800 páginas, escrita em parceria entre o xamã Yanomami Davi Kopenawa e o antropólogo francês Bruce Albert; converteu-se em um dos grandes livros de nosso tempo. Além de ser um rico relato das cosmologias Yanomami “a etnografia do mundo espiritual oferecida por Davi não tem comparação na literatura etnológica e fornece, para além de uma descrição de um mundo que desconhecemos, o ponto de partida de onde se lança a crítica ao mundo das mercadorias e a advertência da queda do céu; esse fim de mundo previsto pelos xamãs Yanomami , que nós estamos conhecendo como o antropoceno”, aponta José Antonio Kelly Luciani , que é graduado em Engenharia Eletrônica pela Universidade Simón Bolívar, na Venezuela; e realizou mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de Cambridge, Inglaterra, em entrevista por e-mail à IHU On-Line”. (Ricardo achado 19/08/2017). Abrindo a solenidade no auditório da UFF. Com a palavra, e bastante sorridente, Davi Kopenawa saudou a platéia, agradeceu o convite, dizendo que estava feliz em estar no Cine Arte da UFF. Justificou o convite dizendo que foi chamado para conversar e trocar idéias a respeito do povo Yanomami; apontar as principais dificuldades enfrentadas com a invasão de madeireiros e garimpeiros em seu território: “Ao vir ao Rio, presto as minhas homenagens aos povos ancestrais que morreram por perseguirão e doenças advindas do homem branco”. E acrescenta: “Meu nome é Davi Kopenawa Yanomami. Sou liderança indígena tradicional e aprendi na pratica. A minha educação não foi de bancos escolares, mas sim em ouvir, em falar com o homem branco. Sou pajé e aprendi a cura Yanomami com Omama. Porque se a floresta for completamente devastada nunca mais vai nascer outra. Sobre a narrativa de Kopenawa, Julie Dorrico, no seu estudo e pesquisa ressalta: “O conhecimento da literatura indígena é, também, uma forma de descolonização do pensamento e dos saberes ocidentais como essencialmente homogeneizantes e determinantes do que podemos gostar, estudar, conhecer, tal como o xamã yanomami nos ensina na obra A queda do céu. Esta abertura a outras epistemologias é uma alternativa para dialogarmos com as diferenças, educando-nos com novos olhares e saberes, sobretudo, pelo que tenho aprendido com essa literatura, em termos de sensibilidade às diferenças”. Continuado seu discurso: “Descendo desses habitantes da terra das nascentes dos rios, filhos de Omama. Meu único professor foi Omama. Eu trabalho com a força da natureza. Sou presidente da Associação Yanomami e fui convidado para vir aqui para falar de mudança climática. Os fazendeiros vem desmatando e derrubando nossa floresta.



Eles não conhecem que existe árvore venenosa que mata gente. A sociedade não indígena não conhece as florestas. As fumaças, os gases vem lá de cima e cai aqui em baixo, matando a gente aqui na terra. Na minha aldeia agente ver porque o sol fica amarelo. O povo da mercadoria vem se multiplicando e aumentando a população não indígena. E a poluição vem causando prejuízo para os índios e não índios. Vocês são brasileiros, nasceram nesse país, e por isso que devem se preocupar com a natureza. As autoridades capitalistas vem destruindo a mãe terra. E vocês tem obrigação de cuidar, de pedir ao criador para proteger a terra, ou vocês esqueceram? Nós, povo Yanomami pedimos tudo a Omana”. Com relação ao Livro a Queda do Céu, Kopenawa disse que estava muito contente com as pessoas que estão lendo o livro. “Levei muito tempo para traduzir com Bruce Albert. Foram muitas horas de gravação, traduzida para trazer para vocês um pouco da nossa história e nossos costumes”. Com relação a saída da “Aldeia Maracanã” - Casa Grande Yanomami, para o território branco. Kopenawa disse que foi obrigado a sair do território para poder reconquistar a terra ocupada por garimpeiros e madeireiros. “Essa luta não foi só minha e da minha comunidade yanomami”, esclareceu ao público: “Essa luta pela conquista do nosso território, tivemos o apoio de autoridades brasileiras e estrangeiras. A terra yanomami é para o nosso povo viver e não para ser roubada”. E continua: “As autoridades brasileiras dizem que o território Yanomami é muito grande para os indígenas e justifica a luta: “É por isso que eu lutei para garantir para o nosso povo a nossa terra”. Desconfiado, da interação do público com sua fala, Kopenawa perguntou a platéia: “Vocês estão entendendo o que estou falando”? O público acenou positivamente. E continuou: “O meu criador Omama me fez compreender o caminho de luta e de resistência para retomada do nosso território. O branco invadiu nossa terra Yanomami, ainda quando eu era muito pequeno” ressaltou. Com relação a identidade Indígena, Ailton Krenak, nos ensina: “Quando uma criança krenak nasce, não vai para a creche, ele fica com a mãe, as avós e as tias; partilham um cotidiano e um modo de estar na vida. As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedores, porque, para uns vencerem, outros têm de perder. Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Têm o exemplo de uma vida onde o indivíduo conta menos do que o coletivo. Este é o mistério indígena, um legado que passa de geração para geração”. (Christiana Martins, no Expresso 22/10/2018). Continua Kopenawa: “A primeira saída para terras estrangeiras de se deu com Ailton Krenak, ocasião em que receberia uma homenagem, um prêmio na Europa, e me convidou. Dessa oportunidade foi que conheci a Grécia. Daí em diante, tenho visitado cidades para divulgar nossa luta e o livro tem contribuído para vocês conhecerem nossa história,” sintetizou. Com relação a vocês estudantes universitários, conclamou: “Passou o período dos estudos na faculdade: volte para sua terra, volte para seu povo, não se deixe se levar pelas mercadorias do branco”. Finalizando a Conferencia, reclamou da atuação do governo brasileiro, com a invasão dos garimpeiros: “O governo tem a obrigação de resolver os problemas que são gerados pelos os não indígenas à comunidade Yanomami. São invasores, são mercadores que estão trazendo doenças, poluindo os rios, e contamos com a sociedade civil, com os estudantes, as autoridades brasileiras e estrangeiras, para tirarem os garimpeiros, que estão poluindo de mercúrio os rios, matando e envenenando os peixes e animais da floresta”, finalizou. Analise Conclusiva Em se tratando de



literatura e cosmovisão afro-ameríndia, nos faz pensar e agir em defesa e valorização das diferenças, do equilíbrio do ser. A professora de Filosofia do IFCS, Katiúscia Ribeiro vai dizer: “A cosmologia africana e a indígena estão muito próximas. E o recado hoje, é que a luta contra o racismo, o direito a viver com dignidade, com respeito a diversidade, são característica do povo negro e povos ameríndios; Essa visão eurocêntrica de mundo nos discordamos com veemência, pois, “o ocidente não é o centro do mundo, pois a África é a civilização mais antiga, e o ocidente copiou, modificou, transformou, o legado egípcio, que era africano”. Na página do Geru Maa, no <https://www.facebook.com/HEKAPHILOSPRETA>, assim distingue-se a atuação afro-indígena: “A distinção natureza-cultura, paradigma fundante das ciências ocidentais, é apenas uma dentre as várias possibilidades não apenas de ver ou conhecer o mundo, mas acima de tudo de estar-no-mundo. Nas filosofias africana e ameríndias essa divisão perde sentido ou centralidade. Chamo atenção ao fato de que estamos nomeando esses sistemas de pensamento não enquanto cosmovisões ou cosmologias, mas enquanto filosofias. Isso implica colocá-las em pé de igualdade com a filosofia hegemônica – nomeada em geral como filosofia ocidental. E tida pelos seus representantes e estudiosos como A Filosofia – com F maiúsculo. [...] Assim, afirmar a existência de outras filosofias, não ocidentais, significa reafirmar a própria humanidade afro-indígena. Enquanto o maquinário racista e colonialista prossegue, ainda hoje, colocando nossa existência em questão. É neste contexto que ganha sentido a criação e a manutenção de um núcleo de Estudos Ameríndios junto aos estudos da chamada africanologia”. Mas, se a articulação com a espiritualidade em Maat e Xapiri está oculta, e só pode ser sentida pelos indígenas, e povo preto pela similaridade. Como então desconstruir na academia os preconceitos imperais, com idéias, ideias próprios, em contraposição ao que o branco entende como saber antropológico, dentro de outra perspectiva etnológica? Com relação a essa transversalidade dentro da academia, Grada vai dizer: “A posição de objetificação, que é normalmente ocupado por nós, o lugar de Outridade, não indica uma falta de resistência ou de interesse, como geralmente acreditam, é muito mais falta de acesso à representação de negrxs e não-brancxs por si mesmxxs. Não é que nós não temos falado, mas as nossas vozes - graças ao racismo como sistema - temos sido sistematicamente desqualificadxs pelo que a academia entende como conhecimento válido. E mais: nós temos sido representadxs por brancos, que, ironicamente, se tornam "especialistas" em [nossa cultura] e nós mesmxxs. De ambas as formas, estamos encarceradxs numa hierarquia colonial violentíssima”. O que dizer do Xapiri o encantado da Floresta? Temos sensibilidade de percebe-lo assim com Maat? Bom: os povos indígenas chamam as plantas, animais como parentes. Será que vamos perceber que o planeta é um todo ordenado, e não está separado dos bichos e/ou animais racionais? Falando do nosso protagonismo: entendo que o povo preto, os povos originários, buscam seu protagonismo, sem contudo, virar peça de museu, ou figura folclórica a ser reverenciada por escritores brancos e/ou mesmos, renomados filósofos do indianismo afro-indígena. Pensar o sujeito individualmente ou coletivamente, como diz Julie Dorrico: “Imprimir suas palavras no livro, na “pele de papel”, denota o reconhecimento do alcance dos instrumentos tecnológicos da sociedade majoritária. A palavra oral passada milenarmente de geração em geração não conseguiu frear as incursões predatórias dos não indígenas, nem os projetos do governo contra o seu povo”. Com relação a



deixar algo escrito para ser pensado e estudado pelo branco na pele de papel? Podemos afirmar que a engrenagem mudou. A militância de escritores indígenas e africanos, hoje procuram marcar seu próprio território com autores e pensadores próprios. A esse respeito Julie Durrico afirma: [...] “Esse ato é importante, porque marca uma presença, uma voz, via livro impresso, literatura, antropologia; da sua reivindicação pelo direito à reexistência”. A sociedade não indígena despersonaliza o sujeito indígena porque se agarra ao imaginário construído desde os textos fundacionais do país escritos sob a ótica do colonizador e reproduzidos na literatura, na história, em quase todos os campos de saber. Colocar as palavras, a história em peles de papel significa inscrever o povo Yanomami na história do país, mas uma história adveniente desde si mesmo, de sua experiência e característica calcadas na diferença. Em suma, os indígenas – e, em nosso caso, Davi Kopenawa, publicizam a causa indígena, para consolidá-la na sociedade civil, para afirmarem-se como sujeitos público-políticos, com singularidade própria. Finalizando: fechamos com as palavras de Grada Kilomba, reafirmando a importância de falar das nossas subjetividades, idealismos sensações, epistemologias, pois somos sujeitos de direitos: “Assim como a hierarquia introduz dinâmica em que Negritude significa "estar fora do lugar" ela se refere ao fato de que branquitude significa "estar no lugar". Foi dito a mim que eu estava fora do lugar, já que na fantasia dela eu só poderia ser a plebeia. Meu corpo é visto como impróprio. Em meio ao racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos "fora do lugar" e, além disso: corpos que jamais poderão pertencer a algum lugar. Corpos brancos, ao contrário, são corpos sempre próprios, são sempre corpos em casa, "no lugar", corpos que sempre pertencem ao lugar”. E nós com certeza discordamos, pois não nos interessa o que a academia branca impõe com saber ontológico.

Referências Bibliográficas

Ailton Krenak - https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5727070/mod_resource/content/1/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo-1-34.pdf

A Ética da Filosofia Kemética em Maat, e Intercessão da Cosmologia indígena de Xapiri na Aldeia Maracanã <https://www.aula.org.br/Editorias2019/Jornal-AULA/XAPIRI.pdf>

Brasil: Amargem Teko Porã - <http://www.centrodeartes.uff.br/eventos/brasil-a-margem-tekopora/#:~:text=Em%20guarani%20Teko%20Por%C3%A3%2C%20em,um%20ser%20vivo%20e%20ativo>

Dorrigo, Julie: O catálogo de tragédias dos yanomami na voz de Davi Kopenawa. Entrevista Julie Dorrigo. <https://www.ihu.unisinos.br/577936-o-catalogo-de-tragedias-aosyanomami-na-voz-de-davi-kopenawa-entrevista-especial-com-juliedorrigo>

Katiúscia Ribeiro Pontes - https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/kati%C3%BAscia_ribeiro_-_dissertac%C3%A7%C3%A3o_final.pdf



Obenga, Théophile: Egito: História Antiga da Filosofia Africana:
[https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/obengat._egito_hist
%C3%B3ria_antiga_da_filosofia_africana_2004.pdf](https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/obengat._egito_hist%C3%B3ria_antiga_da_filosofia_africana_2004.pdf)

Quem pode falar? (Grada Kilomba): [http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-
pode-falargrada-kilomba.html](http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-pode-falargrada-kilomba.html)